LUMEN ET VIRTUS

Turismo de observação de felinos na América do Sul: conservação, sustentabilidade e impactos no Pantanal e na Patagônia

https://doi.org/10.56238/levv15n38-007

Reinaldo Dias
Doutor em Ciências Sociais -Unicamp
Pesquisador associado do CPDI do IBRACHINA/IBRAWORK
Parque Tecnológico da Unicamp - Campinas – Brasil
reinaldias@gmail.com

RESUMO
O turismo de observação de felinos de grande porte, como a onça-pintada no Pantanal brasileiro e o puma na Patagônia chilena, emergiu como uma ferramenta poderosa para promover a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico sustentável. Este artigo explora as oportunidades e desafios associados a essa forma de turismo, destacando as melhores práticas e estratégias para maximizar os benefícios e mitigar os impactos negativos. A análise revela que o turismo de felinos de grande porte pode proporcionar benefícios econômicos significativos às comunidades locais, criando meios de subsistência e elevando os padrões de vida. No entanto, é crucial manter um equilíbrio entre os benefícios econômicos e a sustentabilidade ecológica. A implementação de limites de capacidade, regulamentações rigorosas e práticas de turismo sustentável são essenciais para evitar a degradação dos habitats naturais e o estresse dos animais. A educação turística desempenha um papel vital na promoção de comportamentos responsáveis entre os visitantes. Programas de orientação e a presença de guias experientes ajudam a garantir que as interações com a vida selvagem sejam seguras e informativas. Além disso, a colaboração com instituições acadêmicas para monitorar e pesquisar o impacto do turismo nas populações de felinos e seus habitats é fundamental para a tomada de decisões informadas. O envolvimento das comunidades locais é outro aspecto crítico. Iniciativas que garantem que as comunidades se beneficiem diretamente do turismo fortalecem o apoio local aos esforços de conservação e criam fontes de renda sustentáveis. Projetos de restauração de habitat e unidades anti-caça furtiva, financiados pela receita do turismo, podem promover a recuperação ecológica e reduzir as ameaças à vida selvagem. A diversificação das atividades turísticas também é recomendada para distribuir a pressão sobre os habitats de vida selvagem e prolongar a estadia dos turistas. Além da observação de felinos, visitas culturais, trilhas ecológicas e outras atividades podem promover a conservação e a educação ambiental. O turismo de observação de onças-pintadas e pumas apresenta uma oportunidade valiosa para promover a conservação e o desenvolvimento econômico. A adoção de práticas de turismo sustentável, a educação e o envolvimento comunitário são essenciais para garantir que esta forma de turismo continue a prosperar, beneficiando tanto a vida selvagem quanto as comunidades locais.

Palavras-chave: Turismo de Vida Selvagem; Onça-Pintada; Puma; Conservação; Sustentabilidade.

1 INTRODUÇÃO

O turismo de vida selvagem tem se tornado uma das formas mais populares de turismo sustentável, promovendo a conservação da biodiversidade e oferecendo benefícios econômicos significativos para as comunidades locais (BUCKLEY, 2010). Na América do Sul, dois dos mais emblemáticos felinos de grande porte, a onça-pintada (Panthera onca) e o puma (Puma concolor), têm atraído crescente interesse turístico, particularmente no Pantanal brasileiro e na Patagônia chilena, respectivamente. Esses predadores não apenas desempenham papéis cruciais nos ecossistemas onde habitam, mas também são símbolos culturais e naturais importantes para a região (FRANKLIN ET AL., 2009).

A onça-pintada, o maior felino das Américas, é uma espécie-chave no Pantanal, um dos maiores sistemas de áreas úmidas do mundo (MORATO ET AL., 2018). O turismo de observação de onças-pintadas tem crescido significativamente nos últimos anos, impulsionado pela alta demanda por experiências autênticas de vida selvagem e pela necessidade de estratégias de conservação mais eficazes (TORTATO & IZZO, 2017). Este tipo de turismo tem potencial para gerar receita vital para as comunidades locais, ao mesmo tempo em que promove a preservação do habitat da onça-pintada.

Por outro lado, o puma, também conhecido como leão-da-montanha, é amplamente distribuído na América do Sul, com a Patagônia chilena sendo um dos seus principais habitats (FRANKLIN ET AL., 2009). A região tem visto um aumento no turismo de observação de pumas, especialmente no Parque Nacional Torres del Paine, onde esses felinos são mais frequentemente avistados. Esse aumento no turismo não apenas contribui para a economia local, mas também sensibiliza os visitantes para a importância da conservação da espécie (ELBROCH ET AL., 2017).

Observar predadores em seus habitats naturais sempre capturou a imaginação humana e, nos últimos anos, esse fascínio impactou significativamente a indústria do turismo. Grandes animais predadores, muitas vezes considerados o topo da cadeia alimentar, oferecem uma experiência única e emocionante para os turistas. O turismo de observação de animais, particularmente focado nesses predadores de topo, emergiu como um segmento proeminente do turismo de vida selvagem, influenciando grandemente a conservação da biodiversidade, o desenvolvimento sustentável e as oportunidades econômicas em áreas protegidas. O fascínio de experimentar criaturas tão majestosas na natureza aumentou nas últimas duas décadas, impulsionando o desenvolvimento econômico e os esforços de conservação da biodiversidade em várias regiões (NEWSOME ET AL., 2012). No entanto, ao lado de seus inúmeros benefícios, essa intersecção única de humanos, vida selvagem e os ecossistemas que habitam traz consigo um conjunto de desafios ecológicos e sociais que merecem um exame minucioso.

As áreas protegidas, englobando parques nacionais e reservas de vida selvagem, têm historicamente se destacado como bastiões da estabilidade ecológica e campeãs da conservação da

biodiversidade. Esses santuários, ao longo do tempo, evoluíram para pontos turísticos de primeira linha, apresentando aos viajantes a beleza inigualável da natureza crua, especialmente dos predadores dominantes no topo da cadeia alimentar (BALMFORD ET AL., 2009). Essa mistura de agendas de conservação e turismo, quando harmoniosamente alinhadas, traz benefícios socioeconômicos, beneficiando particularmente as comunidades locais. Krüger (2005) discerniu que o influxo financeiro do turismo nessas regiões pode ser canalizado de volta para reforçar as iniciativas de conservação, promovendo assim um ciclo de feedback sustentável. Além disso, o valor educativo e inspirador de testemunhar predadores de topo em ação, quando guiados de forma responsável, pode catalisar um impulso global para a conservação da biodiversidade e defender a perspectiva do turismo sustentável (BALLANTYNE, PACKER, SUTHERLAND, 2011).

No entanto, o turismo de felinos de grande porte apresenta desafios consideráveis. A pressão turística pode levar a alterações comportamentais nos animais, degradação do habitat e conflitos entre humanos e vida selvagem (GEORGE & CROOKS, 2006). Assim, é crucial desenvolver e implementar práticas de turismo sustentável que minimizem os impactos negativos e maximizem os benefícios para a conservação e as comunidades locais (NEWSOME, MOORE & DOWLING, 2012).

Dado o delicado equilíbrio entre os benefícios e desafios apresentados pelo turismo de observação de animais predadores em habitats protegidos, esta pesquisa procura desvendar suas dimensões multifacetadas. Centrando-se em instâncias emblemáticas de um espectro de paisagens – seja observando pumas no ecossistema andino da Patagônia chilena ou acompanhando as caçadas de onças-pintadas nas áreas úmidas brasileiras – este artigo visa fornecer um exame holístico dos problemas, perspectivas e melhores práticas fundamentais para esse nicho do turismo. Com isso, espera-se fornecer às partes interessadas insights, estratégias e conhecimento para melhorar a experiência dos turistas, apoiar as comunidades locais e priorizar o bem-estar e a conservação dos animais selvagens em áreas protegidas, em particular os felinos predadores do topo da cadeia alimentar. Através de uma análise comparativa dessas duas regiões, busca-se entender os impactos econômicos, ecológicos e sociais desse tipo de turismo, bem como identificar estratégias eficazes para sua gestão sustentável.

Este artigo, portanto, tem como objetivo explorar o turismo de felinos de grande porte na América do Sul, com um foco específico na onça-pintada no Pantanal e no puma na Patagônia chilena. Ao analisar os benefícios e desafios do turismo de observação de grandes predadores, espera-se oferecer uma compreensão abrangente deste fenômeno, promovendo práticas de turismo sustentável que possam ser implementadas em diversas regiões ao redor do mundo, beneficiando tanto as espécies ameaçadas quanto as comunidades humanas que compartilham seus habitats.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O turismo com base na natureza é um dos segmentos que mais cresce em todo o mundo, impulsionado pelo interesse em questões ambientais. Este tipo de lazer é preferido por várias razões: maior consciência sobre a preservação dos recursos naturais, necessidade psicológica de fugir dos centros urbanos, desejo de vida mais simples e busca por melhor qualidade de vida através da interação com a natureza. Em decorrência, destinos com grande diversidade natural podem obter vantagem comparativa se adotarem estratégias focadas em determinado público. O Brasil, no entanto, apesar de sua biodiversidade, não tem atraído muitos turistas internacionais devido a problemas como infraestrutura deficiente, falta de capacitação, sinalização inadequada, ausência de medidas de segurança, falta de investimentos e promoção insuficiente. A crescente consciência ambiental fortalece o turismo de natureza, atraindo turistas interessados em lugares idílicos, observação de vida selvagem e a sensação de contribuir para a preservação. O fato de a biodiversidade ter valor econômico em seu ambiente natural, sem precisar de transformação, permite que ela mesma se torne uma ferramenta ideal para sua própria conservação (DIAS, 2011).

Um sinal desse aumento do interesse no turismo com base na natureza é o fato de a literatura sobre turismo de vida selvagem ter crescido significativamente nas últimas décadas, refletindo a importância crescente deste setor tanto para a conservação quanto para o desenvolvimento econômico das comunidades locais (BUCKLEY, 2010). Este fenômeno é amplamente reconhecido por seu potencial para promover a conservação da biodiversidade, gerar receitas econômicas e sensibilizar o público sobre a importância da preservação ambiental (BALLANTYNE, PACKER, & FALK, 2011). O ecoturismo, como uma expressão do desejo humano de se reconectar com a natureza, encontrou um nicho em um mundo crescentemente urbanizado e globalizado. Uma de suas vertentes mais populares é o turismo de observação de vida selvagem, que tem atraído uma multidão global de entusiastas, ansiosos para testemunhar a beleza e majestade da natureza em primeira mão (DYBSAND & FREDMAN, 2021). No entanto, enquanto o potencial para benefícios econômicos e ecológicos é significativo, também é acompanhado por desafios associados à gestão e conservação da vida selvagem.

Diferentemente das práticas de caça e pesca, o turismo de observação de vida selvagem é predominantemente uma atividade passiva, focada na observação de animais em seus habitats naturais. Este segmento tem experimentado uma ascensão notável, com várias empresas de turismo oferecendo experiências personalizadas nesse âmbito ou incorporando-o em seus pacotes turísticos (TAPPER, 2006). De fato, a atração não se limita apenas a grandes mamíferos ou habitats exóticos; vai desde a observação de cavalos selvagens nos EUA até a observação de ursos polares no Ártico (DYBSAND & FREDMAN, 2021).

Países como o Quênia, em particular, têm uma rica tradição de turismo de vida selvagem, atraindo visitantes para testemunhar a majestosidade de espécies icônicas como o leão africano e o elefante (ESTIFANOS ET AL., 2021). Esta vertente do ecoturismo não apenas ajuda a financiar parques e reservas, mas também eleva a conscientização sobre a importância da conservação da biodiversidade. O turismo focado em felinos de grande porte, como a onça-pintada no Pantanal e o puma na Patagônia chilena, é um subcampo emergente dentro desse contexto, oferecendo um estudo de caso interessante sobre os impactos e as oportunidades desse tipo de turismo.

O turismo de conservação, como definido por BUCKLEY (2010), é uma ferramenta de conservação que contribui de forma positiva para a preservação da diversidade biológica. Este tipo de turismo vai além do ecoturismo, focando-se na contribuição efetiva para a conservação. Embora o crescimento das empresas de turismo de conservação comercial seja relativamente novo, elas têm potencial para desempenhar um papel significativo na conservação de áreas e espécies específicas. A biodiversidade é fundamental não apenas por si só, mas como base da atividade econômica humana e da sobrevivência (BUCKLEY, 2010). A biodiversidade está ameaçada globalmente, com o custo econômico das perdas de biodiversidade estimado em trilhões de dólares anuais. As ameaças incluem invasão da natureza, consumo de recursos, poluição e mudanças climáticas. A conservação pode contribuir para a mitigação das mudanças climáticas de forma eficiente e econômica, sendo que a perda e o desmatamento florestal são responsáveis por cerca de um quinto das emissões globais de gases de efeito estufa (BUCKLEY, 2010).

O turismo de vida selvagem é amplamente reconhecido por seu potencial para promover a conservação da biodiversidade, gerar receitas econômicas e sensibilizar o público sobre a importância da preservação ambiental (BALLANTYNE, PACKER, & FALK, 2011). Estudos demonstram que, quando bem gerido, o turismo de vida selvagem pode proporcionar incentivos financeiros para a conservação e fornecer meios de subsistência sustentáveis para as comunidades locais (RODGER, MOORE, & NEWSOME, 2007). No entanto, os impactos do turismo de vida selvagem podem variar amplamente, dependendo do contexto específico e das práticas de gestão adotadas. O turismo centrado na vida selvagem tem demonstrado ser uma força poderosa no cenário global, refletindo uma tendência crescente de interesse pelas maravilhas naturais do planeta. Esta vertente do turismo movimenta enormes somas de dinheiro e detém o potencial de impactar positivamente na conservação de espécies e habitats, além de oferecer benefícios econômicos substanciais para as regiões envolvidas.

Globalmente, este mercado encontra-se em acelerada expansão, atraindo milhões de visitantes anualmente e gerando bilhões em receitas. Observações específicas, como a relacionada a tubarões, atraem cerca de 600.000 turistas anualmente, enquanto a observação de aves nos Estados Unidos gera uma receita impressionante de 107 bilhões de dólares. O turismo de mergulho no Sudeste Asiático

movimenta mais de 150 milhões de dólares, e a observação de baleias emprega mais de 13.000 pessoas ao redor do mundo (FERNÁNDEZ-LLAMAZARES ET AL., 2020).

Além disso, o impacto econômico deste segmento é significativo, com o turismo relacionado à vida selvagem respondendo por 3,9% do PIB global, um valor equivalente ao PIB total de nações como a África do Sul ou Hong Kong. Em 2018, a contribuição do setor ao PIB global foi de US$ 120,1 bilhões, e sua contribuição econômica total ascendeu a notáveis US$ 343,6 bilhões, apoiando 21,8 milhões de empregos internacionalmente (WTTC, 2019). Neste contexto, destaca-se a relevância deste tipo de turismo para a África, onde mais de um terço das receitas turísticas é derivado da observação de animais (WTTC, 2019). Exemplos concretos, como o projeto em Madagascar, demonstram que o turismo pode desempenhar um papel crucial na conservação, beneficiando diretamente espécies em risco, como os lêmures (FERNÁNDEZ-LLAMAZARES ET AL., 2020). No México, a proteção das áreas de hibernação da borboleta monarca e a subsequente afluência de turistas reafirmam a importância do turismo como instrumento de conservação (WTTC, 2019).

Apesar dos benefícios evidentes, o turismo de vida selvagem pode trazer impactos negativos para a fauna, como alterações comportamentais e desequilíbrios populacionais (FERNÁNDEZ-LLAMAZARES ET AL., 2020). Estes desafios reforçam a necessidade de uma gestão responsável e informada. O uso emergente de tecnologias, como as mídias sociais, promete ser uma ferramenta valiosa para compreender e atender às preferências dos visitantes, garantindo um futuro mais sustentável para o setor (WTTC, 2019). O turismo de vida selvagem oferece um equilíbrio delicado entre benefícios econômicos e desafios de conservação. Seu potencial para financiar a preservação e combater ameaças como a caça furtiva é inegável (FERNÁNDEZ-LLAMAZARES ET AL., 2020). A chave para maximizar seu impacto positivo reside na gestão consciente, na inclusão equitativa das comunidades locais e na contínua adaptação às novas tecnologias e informações.

O crescente interesse pela observação de predadores na natureza tem levado ao debate sobre a integração entre turismo e conservação da vida selvagem. Predadores aquáticos e terrestres, como tubarões, crocodilos e grandes felinos, possuem peculiaridades que merecem atenção especial quando expostos ao contato humano (MACDONALD ET AL., 2017). Esses animais apresentam vulnerabilidades a interferências humanas, muitas vezes sendo deslocados para habitats marginais devido à proximidade humana. Predadores de topo, como grandes mamíferos carnívoros, desempenham um papel crucial na manutenção do equilíbrio ecológico dos ecossistemas. Infelizmente, muitos desses predadores estão ameaçados de extinção devido a conflitos com humanos, perda de habitat e declínio de suas presas (WILLIAMS ET AL., 2017). A mortalidade induzida pelo ser humano, muitas vezes motivada por retaliações de criadores de gado, contribui para a redução das populações desses carnívoros (OHRENS ET AL., 2021).

No entanto, a observação desses animais em seu habitat natural tem o potencial de mudar a forma como são percebidos. Muitos destes predadores são esteticamente apreciados por sua beleza, atraindo turistas interessados em experiências naturais (LOPES-FERNANDES ET AL., 2022). Mais do que uma mera experiência estética, o ecoturismo focado em predadores de topo pode fomentar a educação ambiental, sensibilizando os turistas para a necessidade de conservação dessas espécies e contribuindo para uma percepção mais positiva desses animais (MACDONALD ET AL., 2017). Além disso, as práticas tradicionais em áreas rurais estão sendo revistas à luz do crescimento do turismo de vida selvagem. Há uma tendência atual de reconsiderar a caça como fonte de receita, principalmente quando superpredadores naturais, como o lince, são reintroduzidos em seus habitats, reduzindo a necessidade de gerenciamento ativo de populações de presas através da caça. Movimentos contra a matança de animais estão ganhando força, e práticas tradicionais, como a exibição de troféus de caça, estão sendo substituídas por fotografias da natureza (LOPES-FERNANDES ET AL., 2022).

Para maximizar os benefícios do turismo de predadores e mitigar seus potenciais impactos negativos, é essencial uma gestão eficaz que garanta a resiliência da vida selvagem, envolva comunidades locais e promova comportamentos responsáveis (MACDONALD ET AL., 2017). Estratégias que destaquem os benefícios econômicos dos predadores para as comunidades locais, eduquem sobre sua importância ecológica e desenvolvam medidas protetoras para o gado são fundamentais nesse processo (OHRENS ET AL., 2021).

O turismo de felinos de grande porte pode gerar impactos econômicos e ecológicos significativos. Economicamente, este tipo de turismo pode fornecer uma fonte de renda importante para as comunidades locais e incentivar a preservação dos habitats naturais (KARANTH & DEFRIES, 2011). Ecologicamente, o turismo de vida selvagem bem gerido pode promover a conservação das espécies e reduzir os conflitos entre humanos e vida selvagem (NEWSOME, MOORE, & DOWLING, 2012). No entanto, é essencial implementar práticas de turismo sustentável para minimizar os impactos negativos, como a perturbação dos habitats e o estresse dos animais (GEORGE & CROOKS, 2006). O turismo de observação de vida selvagem, quando bem gerenciado, tem o potencial de desempenhar um papel vital na conservação da biodiversidade e no benefício das comunidades locais. Mas é essencial equilibrar os interesses econômicos e de conservação, garantindo que as práticas de turismo são sustentáveis a longo prazo (DYBSAND & FREDMAN, 2021; KORIR, MUCHIRI, & KAMWEA, 2013).

Os desafios no turismo de felinos de grande porte incluem a necessidade de gestão eficaz para evitar a degradação do habitat, a perturbação comportamental dos animais e os conflitos entre turistas e a vida selvagem. Por outro lado, as oportunidades incluem a promoção da conservação da biodiversidade, a geração de receitas econômicas sustentáveis e a sensibilização do público para a importância da preservação ambiental (TREMBLAY, 2001). Os felinos de grande porte na América do

Sul, como a onça-pintada e o puma, têm atraído significativo interesse turístico devido à sua majestade e importância ecológica. No entanto, a gestão do turismo em torno desses animais requer atenção especial para garantir a conservação das espécies e o bem-estar das comunidades locais.

A onça-pintada (Panthera onca) é uma espécie emblemática na América do Sul e desempenha um papel crucial nos ecossistemas onde habita. No Pantanal, um dos habitats mais importantes para a conservação da onça-pintada, o turismo de observação de onças tem se desenvolvido significativamente nas últimas décadas (TORTATO & IZZO, 2017). Este tipo de turismo tem sido promovido como uma estratégia para a conservação da espécie, ao mesmo tempo em que proporciona benefícios econômicos para a região. Estudos indicam que o turismo de onças no Pantanal pode ajudar a reduzir os conflitos entre humanos e onças, fornecendo alternativas econômicas para as comunidades locais que, de outra forma, poderiam ver a onça como uma ameaça ao gado. Além disso, a presença de turistas pode atuar como um dissuasor para a caça ilegal (CAVALCANTI ET AL., 2010). No entanto, é crucial garantir que o turismo seja gerido de forma sustentável para evitar a perturbação dos habitats naturais e o estresse dos animais (MORATO ET AL., 2018).

O puma da Patagônia (Puma concolor puma), uma subespécie mais robusta da onça-parda brasileira, também conhecido como leão-da-montanha, é outro felino de grande porte que tem atraído interesse turístico, especialmente na Patagônia chilena. A Patagônia, com suas paisagens deslumbrantes e rica biodiversidade, é um destino popular para o ecoturismo, e a observação de pumas no Parque Nacional Torres del Paine tem se tornado uma atividade turística cada vez mais procurada (FRANKLIN ET AL., 2009). As pesquisas sugerem que o turismo de observação de pumas pode trazer benefícios significativos para a conservação da espécie e para a economia local (WALKER & NOVARO, 2009). No entanto, a gestão desse tipo de turismo apresenta desafios, como a necessidade de equilibrar o acesso dos turistas com a proteção dos habitats e a minimização dos impactos negativos sobre os pumas (ELBROCH ET AL., 2016).

O turismo de vida selvagem, especialmente aquele focado em felinos de grande porte, apresenta tanto desafios quanto oportunidades significativas. Quando bem gerido, pode ser uma ferramenta poderosa para a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico sustentável. No entanto, é crucial que práticas de turismo sustentável sejam implementadas para minimizar os impactos negativos e maximizar os benefícios para a vida selvagem e as comunidades locais. A gestão eficaz, o envolvimento das comunidades locais e a adaptação contínua às novas tecnologias e informações são essenciais para o sucesso a longo prazo desse tipo de turismo.

3 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem metodológica dupla, combinando uma revisão sistemática da literatura com a análise de dados secundários. A revisão sistemática visa identificar e sintetizar

pesquisas existentes sobre o turismo de observação de onças-pintadas no Pantanal e pumas na Patagônia chilena, com foco nos impactos econômicos, ecológicos e sociais. Para isso, foram definidos critérios de inclusão que abrangem estudos publicados entre 2000 e 2023, artigos revisados por pares que abordam especificamente as duas espécies de felinos e suas regiões de ocorrência, e pesquisas que analisam seus impactos em diversas dimensões. Essa revisão facilitou a identificação de temas, lacunas e tendências predominantes nas pesquisas existentes.

A pesquisa foi realizada em bases de dados acadêmicas como Web of Science, Scopus, Google Scholar, ResearcheGate e Academia.edu, utilizando palavras-chave relacionadas ao tema. O processo de revisão consistiu em uma busca inicial, seguida pela triagem de títulos e resumos, avaliação de texto completo dos artigos selecionados e extração de dados relevantes, como objetivos, resultados e conclusões dos estudos. A análise qualitativa dos dados extraídos permitiu a identificação de temas e padrões recorrentes, além de lacunas na literatura, resultando em recomendações para futuras pesquisas.

Os dados secundários foram analisados utilizando técnicas de análise estatística descritiva e inferencial, permitindo a comparação de tendências ao longo do tempo e a avaliação dos impactos econômicos e ecológicos do turismo de felinos de grande porte. A coleta de dados abrangeu informações sobre números de visitantes, receitas geradas pelo turismo de observação de felinos, dados demográficos e econômicos das comunidades locais, distribuição e status de conservação das onças-pintadas e pumas, e medidas de impacto ecológico e iniciativas de conservação.

Ao integrar tanto os insights qualitativos da revisão sistemática quanto os padrões quantitativos da análise de dados secundários, essa metodologia garantiu um exame holístico da complexa interação entre predadores de topo e turismo em áreas protegidas.

As limitações do estudo incluem a dependência de dados secundários disponíveis e a potencial falta de estudos específicos sobre determinados aspectos do turismo de felinos de grande porte. Esta abordagem metodológica dupla fornece uma base sólida para explorar os impactos e oportunidades do turismo de observação de onças-pintadas e pumas, contribuindo para a formulação de políticas e práticas de turismo sustentável.

4 ESTUDOS DE CASO

Para os estudos de caso, foram selecionados dois felinos predadores de topo na América do Sul: onças-pintadas no Pantanal brasileiro e pumas na Patagônia chilena, fundamentados em múltiplos critérios. Primeiramente, cada um desses animais ocupa um papel essencial como predador de topo em seus respectivos ecossistemas, regulando as populações de presas e mantendo um equilíbrio ecológico. Além disso, cada um desses predadores é emblemático e possui um rico conjunto de significados culturais, históricos e espirituais em suas regiões, tornando-os focos naturais de interesse turístico. A

escolha também reflete a diversidade geográfica, abrangendo dois ecossistemas muito diferentes, o que permite uma análise mais ampla e comparativa dos desafios e oportunidades associados ao turismo voltado para predadores de topo em contextos variados. Por fim, a escolha destes animais destaca regiões onde o equilíbrio entre conservação e turismo é particularmente precário e vital, exigindo atenção e estratégias especializadas.

Observação de onças-pintadas nas áreas úmidas brasileiras

As áreas úmidas brasileiras, particularmente o Pantanal, abrigam um dos grandes felinos mais cativantes e esquivos do mundo: a onça-pintada (Panthera onca). Este bioma, com seu mosaico de habitats aquáticos e terrestres, oferece um ambiente excepcional para a onça-pintada. Observar esses majestosos felinos nas zonas úmidas selvagens tornou-se uma atividade de turismo de vida selvagem cada vez mais popular. O Pantanal, a maior área úmida tropical do mundo, oferece condições ideais para avistamentos de onças-pintadas, especialmente durante a estação seca, quando a água recua e as presas se concentram ao redor dos corpos d'água remanescentes (TORTATO ET AL., 2015). A onça-pintada ocupa um lugar significativo nas culturas indígenas brasileiras e sul-americanas. Para os turistas, a experiência oferece uma conexão não apenas com a natureza, mas também com a história cultural e o folclore associados a essa magnífica criatura (JÁCOMO ET AL., 2004).

O Pantanal abriga uma população significativa de onças-pintadas. Adaptando-se a esse ecossistema único de várzea, essas onças-pintadas desenvolveram comportamentos que as diferenciam de suas contrapartes amazônicas ou que vivem na floresta. Elas frequentemente caçam em plena luz do dia, derrubam presas maiores como jacarés e se tornaram boas nadadoras, aproveitando o ambiente rico em água (TORTATO ET AL., 2015). Essas adaptações específicas não apenas destacam a versatilidade da onça-pintada como predadora de topo, mas também sua capacidade de prosperar em habitats variados.

O turismo de observação da onça-pintada está rapidamente se tornando uma das principais fontes de renda para as comunidades locais no Pantanal, mudando sua dependência das práticas tradicionais de agricultura e pecuária. Estima-se que, em algumas partes do Pantanal, a receita do turismo da onça-pintada tenha superado a pecuária tradicional como principal fonte de renda. Esse turismo de observação de onças-pintadas, denominado "turismo-onça", tem crescido no Pantanal, concentrando-se em duas regiões. No Norte, a observação é feita em rios usando barcos, principalmente durante a estação seca. No Sul, é comum utilizar veículos adaptados em fazendas de gado associadas a hotéis, e em alguns locais, barcos em riachos. Estas onças, embora possam afetar o rebanho, tornaram-se uma fonte significativa de receita para o ecoturismo. Por exemplo, a Fazenda São Francisco, no sul do Pantanal, lucra 25 vezes mais com o turismo-onça do que perde com ataques de onças ao gado. Além das fazendas, o turismo de onça também se dá em unidades de conservação, como a Estação Ecológica Taiamã e o Parque Estadual Encontro das Águas, embora essas áreas

careçam de planos de manejo específicos (TORTATO & IZZO, 2017). No Pantanal, quatro quintos da região são fazendas particulares sem cercas, onde gado e onças coexistem. Essa convivência leva as onças a terem o gado como um terço de sua dieta, resultando em perdas econômicas para os fazendeiros e potenciais retaliações contra os felinos. Contudo, muitos pecuaristas veem valor nas onças devido ao turismo. A atividade turística tem alterado a perspectiva local sobre o felino: uma onça viva é mais lucrativa que uma morta. Ela beneficia diversos setores, incluindo hotéis e guias. O ecoturismo no Pantanal é crucial. Somente o turismo da onça-pintada gerou US$ 6,8 milhões anualmente no norte do Pantanal, enquanto as perdas com gado somaram US$ 121.500. Assim, onças representam um valor turístico 56 vezes maior do que os prejuízos causados ao gado. Para distribuir os benefícios do turismo, uma taxa é cobrada aos turistas, que é repassada aos fazendeiros afetados pelos ataques de onças. Em seis meses, essa taxa não só cobriu as perdas na Pousada Piuval, mas também gerou lucro 1,5 vezes maior que as perdas. Esse modelo assegura que os ganhos do ecoturismo beneficiem a comunidade local (BROWN, 2023).

Reconhecendo o valor ecológico e econômico da onça-pintada, várias iniciativas de conservação foram iniciadas. Organizações não-governamentais e atores locais têm colaborado para o desenvolvimento de unidades de conservação, corredores de vida selvagem e medidas anticaça (CONDE ET AL., 2010). Essas iniciativas são particularmente cruciais dadas as ameaças que as onças-pintadas enfrentam, que vão desde a perda de habitat até assassinatos retaliatórios devido a predação de gado. O entrelaçamento da conservação com práticas de turismo sustentável é cada vez mais visto como o caminho a seguir para garantir a proteção das onças-pintadas e, ao mesmo tempo, beneficiar as comunidades locais. A receita do turismo da onça-pintada fornece um incentivo substancial para que os proprietários locais e o governo invistam na conservação da espécie e de seu habitat. Essa forma de ecoturismo desempenha um papel vital na proteção da onça-pintada contra ameaças como o desmatamento e a caça ilegal (DE AZEVEDO E CONFORTI, 2008). No entanto, uma prática preocupante é alimentar as onças para garantir o contato com turistas. Isso pode alterar o comportamento natural dos animais, tornando-os agressivos, habituados a humanos e vulneráveis. Essa habituação tem sido ligada a ataques humanos, representando riscos significativos para turistas e animais (TORTATO & IZZO, 2017).

Como outros empreendimentos de turismo de fauna, a observação da onça-pintada no Pantanal não é isenta de desafios. O aumento do tráfego de barcos e veículos pode ser fonte de perturbação para as onças-pintadas e suas presas, afetando seus comportamentos naturais e causando estresse potencial (CAVALCANTI & GESE, 2009). Há um aumento da ocorrência de conflitos entre onças-pintadas e turistas/assentamentos humanos, crescendo a possibilidade de problemas. A onça-pintada predando o gado pode provocar ações retaliatórias por parte dos moradores locais (CAVALCANTI ET AL., 2010). O fluxo de turistas, se não for gerenciado adequadamente, pode levar à degradação ambiental,

impactando o frágil ecossistema de zonas úmidas e as espécies que ele suporta. Práticas e diretrizes sustentáveis precisam ser estabelecidas para garantir que a observação da onça-pintada continue sendo uma fonte de admiração sem se tornar um problema para as próprias criaturas que pretende celebrar.

5 TURISMO DE PUMA NA PATAGÔNIA: UM OLHAR SOBRE A CONSERVAÇÃO DE UM GRANDE PREDADOR

O turismo de puma na Patagônia emergiu como uma importante estratégia para a conservação e desenvolvimento econômico na região. Este fenômeno não só auxilia na proteção de uma subespécie vital, o Puma concolor puma, mas também traz benefícios econômicos para as comunidades locais. Este estudo de caso explora o impacto do turismo de puma na Patagônia, enfocando aspectos ecológicos, sociais e econômicos, e analisando como essa prática pode ser uma ferramenta eficaz para a conservação sustentável.

O Puma concolor puma, também conhecido como puma do sul ou leão da montanha, é a subespécie de puma que habita as regiões mais ao sul da América do Sul, incluindo a Cordilheira dos Andes e a costa do Pacífico chileno (LEICHTLE ET AL., 2016). Esta subespécie se adapta a uma vasta gama de habitats, desde desertos até florestas densas, mas prefere áreas com vegetação densa, cadeias de montanhas e ravinas rochosas. Com um peso que pode chegar a 120 kg e um comprimento total de 2,7 metros, é a maior subespécie de puma na América do Sul. O puma desempenha um papel crucial no ecossistema patagônico, regulando populações de herbívoros como guanacos e lebres, e fornecendo carniça para outros carnívoros e aves de rapina (EXPLORA, 2024). O papel ecológico do puma é de extrema importância. Como predador de topo, ele ajuda a manter o equilíbrio das populações de suas presas, prevenindo a superpopulação e a subsequente degradação do habitat. Além disso, os pumas são fornecedores de carcaças que beneficiam uma vasta gama de necrófagos, como condores andinos e raposas (REWILDING CHILE, 2024). A conservação do puma, portanto, tem efeitos positivos em toda a cadeia alimentar e contribui para a saúde geral do ecossistema patagônico.

O turismo de puma na Patagônia começou a se desenvolver significativamente na última década, com um foco especial no Parque Nacional Torres del Paine e áreas adjacentes. A criação da Fundação de Conservação Cerro Guido, com foco em fazenda no entorno do parque, é um exemplo de como iniciativas locais podem promover a conservação através do turismo sustentável (LAGOS ET AL., 2023). Este projeto visa não apenas a proteção dos pumas, mas também a inclusão das comunidades locais, como os gaúchos e trabalhadores rurais, no esforço de conservação. Essa abordagem holística é fundamental para garantir a sustentabilidade a longo prazo. No Parque Nacional Torres del Paine, a presença dos pumas tem sido valorizada como um recurso turístico, atraindo milhares de visitantes anualmente (OHRENS ET AL., 2021). Este aumento na visitação tem trazido

benefícios econômicos significativos para a região, mas também levanta questões sobre a gestão adequada dos impactos do turismo sobre a vida selvagem e as comunidades locais.

O turismo de vida selvagem, incluindo o turismo de puma, gera incentivos econômicos significativos para a conservação. Este tipo de turismo pode sustentar financeiramente as comunidades locais, oferecendo empregos que dependem da preservação da fauna local, ao invés da sua extração (CIFUENTES-IBARRA ET AL., 2023). Em locais como o Parque Nacional Torres del Paine, o aumento do turismo de puma tem melhorado as atitudes dos fazendeiros em relação aos pumas, incentivando práticas de conservação e reduzindo a caça ilegal (BILLER, 2022). Além dos benefícios econômicos, o turismo de puma tem um impacto positivo na educação e sensibilização ambiental. As experiências de observação da vida selvagem aumentam a apreciação das pessoas pela natureza e a conscientização sobre a importância da conservação (MEGHJI, 2023). A presença de turistas interessados em ver pumas vivos em seu habitat natural cria uma pressão econômica e social para a proteção desses animais, que passam a ser vistos como um recurso valioso ao invés de uma ameaça.

Apesar dos benefícios, o turismo de puma não está isento de desafios. O aumento da presença humana e a observação intensa podem levar a mudanças comportamentais nos pumas, como maior timidez ou agressividade, além de aumentar o estresse dos animais (CIFUENTES-IBARRA ET AL., 2023). Adicionalmente, o turismo pode exacerbar conflitos entre pecuaristas e pumas, especialmente quando os pumas atacam rebanhos domésticos, resultando em perdas financeiras significativas para os fazendeiros (CATCHPOLE, 2022). A coexistência sustentável requer a implementação de práticas de manejo que minimizem os impactos negativos tanto para a fauna quanto para as comunidades humanas. O conflito entre pumas e pecuaristas é um problema histórico na região. Durante décadas, os pumas foram caçados por ameaçarem o gado, especialmente ovelhas (OHRENS ET AL., 2021). Este conflito é exacerbado pela percepção de que os pumas representam uma perda econômica direta. No entanto, iniciativas como a da Fundação de Conservação Cerro Guido têm mostrado que é possível desenvolver estratégias de manejo que reduzam esses conflitos, como o uso de cães de guarda para proteger o rebanho, entre outras medidas (CATCHPOLE, 2022).

Para mitigar os impactos negativos e maximizar os benefícios do turismo de puma, várias estratégias têm sido implementadas. A instalação de colares GPS para monitorar os pumas e a utilização de armadilhas fotográficas ajudam a entender melhor os padrões de movimento e comportamento dos animais, permitindo a criação de roteiros turísticos que minimizem o estresse para os pumas (EXPLORA, 2024). Além disso, iniciativas como a contratação de guias locais e a formação de comunidades para atuar como protetores da vida selvagem são essenciais para promover uma convivência harmoniosa (MCPHERSON, 2022). A Fundação de Conservação Cerro Guido, por exemplo, tem trabalhado para educar os pecuaristas sobre a importância da coexistência com os pumas e implementar práticas que reduzam a predação de gado. Uma dessas práticas inclui a instalação de

luzes LED em torno das áreas de pastagem para deter os pumas (DURÁN, 2023). Além disso, a diversificação das atividades econômicas, como a introdução de ecoturismo, tem se mostrado eficaz na redução da caça e aumento da tolerância aos pumas.

A expansão do turismo de puma na Patagônia requer uma abordagem equilibrada que considere tanto a conservação da biodiversidade quanto o desenvolvimento sustentável das comunidades locais. Programas de educação e sensibilização são cruciais para aumentar a aceitação dos pumas entre os pecuaristas e outros residentes locais. A diversificação das atividades econômicas, como o desenvolvimento de unidades de ecoturismo em áreas inadequadas para a criação de gado, pode ajudar a criar um modelo de desenvolvimento sustentável que beneficie a todos (BERG, 2023). A longo prazo, é essencial que o turismo de puma seja gerido de forma sustentável para garantir que os benefícios ecológicos, econômicos e sociais sejam mantidos. Isso inclui a implementação de regulamentações mais rígidas para guias turísticos, a fim de garantir que as práticas de observação não prejudiquem os pumas (CATCHPOLE, 2022). Além disso, é importante continuar investindo em pesquisa para monitorar os efeitos do turismo sobre a população de pumas e ajustar as estratégias de manejo conforme necessário.

Em suma, o turismo de puma na Patagônia representa uma oportunidade única de promover a conservação de uma espécie crucial ao mesmo tempo em que se impulsiona o desenvolvimento econômico local. A chave para o sucesso deste modelo reside na gestão cuidadosa e na implementação de práticas sustentáveis que equilibrem as necessidades ecológicas com os interesses humanos. Ao continuar investindo em pesquisa, monitoramento e educação, a Patagônia pode servir como um modelo global de como o turismo de predadores pode ser uma ferramenta eficaz para a conservação e a sustentabilidade. A coexistência harmoniosa entre pumas e humanos na Patagônia depende de um esforço contínuo e colaborativo entre conservacionistas, comunidades locais e governos. Através de práticas de manejo inovadoras e a valorização econômica do puma como um recurso turístico, é possível criar um futuro em que a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento sustentável caminhem juntos.

6 ANÁLISE COMPARATIVA

A análise comparativa entre o turismo de observação de onças-pintadas no Pantanal brasileiro e pumas na Patagônia chilena revela tanto semelhanças quanto diferenças significativas nos impactos econômicos, ecológicos e sociais. Ambas as regiões oferecem oportunidades únicas para a observação de felinos de grande porte, atraindo turistas de todo o mundo e contribuindo para a economia local. No entanto, as estratégias de manejo, os desafios enfrentados e os impactos ambientais diferem entre os dois locais.

Tanto no Pantanal quanto na Patagônia, o turismo de felinos de grande porte tem se mostrado uma importante fonte de renda para as comunidades locais. No Pantanal, a observação de onças-pintadas atrai milhares de turistas anualmente, gerando receitas significativas através de hospedagem, alimentação e atividades turísticas (TORTATO & IZZO, 2017). De forma similar, na Patagônia chilena, a crescente popularidade da observação de pumas, especialmente no Parque Nacional Torres del Paine, tem impulsionado a economia local, beneficiando guias turísticos, hotéis e restaurantes (FRANKLIN ET AL., 2021). Em ambas as regiões, o turismo de vida selvagem contribui para a conservação dos habitats naturais. A presença de turistas pode funcionar como um dissuasor para a caça ilegal e outras atividades prejudiciais (CAVALCANTI ET AL., 2012). Além disso, a renda gerada pelo turismo pode ser reinvestida em programas de conservação, monitoramento de espécies e educação ambiental (KARANTH & DEFRIES, 2011).

Os desafios enfrentados pelo turismo de felinos de grande porte são semelhantes em ambas as regiões. A pressão turística pode causar perturbações comportamentais nos animais e degradação do habitat, necessitando de uma gestão cuidadosa para garantir a sustentabilidade (GEORGE & CROOKS, 2006). A necessidade de equilibrar o desenvolvimento turístico com a conservação ambiental é um desafio constante tanto no Pantanal quanto na Patagônia. As diferenças ecológicas e biogeográficas entre o Pantanal e a Patagônia influenciam a maneira como o turismo é gerido e os impactos resultantes. O Pantanal, uma das maiores áreas úmidas do mundo, oferece um habitat denso e biodiverso, onde a onça-pintada desempenha um papel crucial como predador de topo (MORATO ET AL., 2018). Já a Patagônia chilena, com suas vastas paisagens abertas e clima mais frio, proporciona um ambiente distinto para o puma, que se adapta a uma ampla gama de altitudes e condições climáticas (FRANKLIN ET AL., 2021).

As estratégias de manejo diferem significativamente entre as duas regiões. No Pantanal, os esforços de conservação frequentemente envolvem a colaboração com proprietários de terras privadas e a implementação de medidas para reduzir conflitos entre onças e pecuaristas (ZIMMERMANN, WALPOLE, & LEADER-WILLIAMS, 2005). Na Patagônia, a gestão do turismo de pumas é frequentemente centrada em parques nacionais e reservas protegidas, onde as regulamentações são mais rígidas e o monitoramento é mais intenso (ELBROCH ET AL., 2016). O nível de envolvimento comunitário também varia entre as regiões. No Pantanal, iniciativas de ecoturismo frequentemente envolvem diretamente as comunidades locais, proporcionando-lhes fontes de renda alternativas e incentivando a participação ativa na conservação. Essas iniciativas têm mostrado ser eficazes na redução de conflitos entre humanos e onças, além de melhorar as atitudes das comunidades em relação à conservação (TORTATO & IZZO, 2017). Na Patagônia, embora haja um crescente reconhecimento da importância do envolvimento comunitário, a estrutura do turismo é frequentemente mais centralizada em torno de operadoras de turismo e parques nacionais. No entanto, esforços têm sido

feitos para aumentar a participação das comunidades locais, como visto nos programas de conservação que promovem a coexistência entre pumas e pecuaristas através de incentivos econômicos e educação (WALKER & NOVARO, 2010).

A efetividade das estratégias de conservação pode ser avaliada com base em indicadores como a estabilidade das populações de felinos, a qualidade do habitat e os níveis de conflito entre humanos e vida selvagem. No Pantanal, programas de conservação que combinam turismo de observação de onças com educação ambiental e compensação financeira para pecuaristas têm mostrado resultados promissores na redução de conflitos e na preservação da onça-pintada (CAVALCANTI ET AL., 2012). Na Patagônia, a implementação de zonas de proteção e o monitoramento contínuo dos pumas têm contribuído para a manutenção de populações estáveis, embora desafios persistam devido ao turismo crescente e às pressões ambientais (WALKER & NOVARO, 2010).

Para maximizar os benefícios do turismo de felinos de grande porte e mitigar seus impactos negativos, recomenda-se a adoção de práticas de turismo sustentável. Isso inclui a implementação de programas de educação ambiental que informem turistas e comunidades locais sobre a importância da conservação dos felinos e seus habitats. Além disso, é crucial desenvolver infraestrutura sustentável, investindo em instalações turísticas que minimizem o impacto ambiental. O engajamento comunitário é igualmente importante, incentivando a participação das comunidades locais na gestão do turismo e na conservação. Por fim, o monitoramento e a pesquisa contínua são essenciais para avaliar os impactos do turismo e ajustar as práticas de manejo conforme necessário.

Em suma, embora o turismo de observação de onças-pintadas no Pantanal e pumas na Patagônia chilena compartilhe várias semelhanças em termos de benefícios econômicos e desafios de conservação, as diferenças ecológicas e estratégias de manejo entre as regiões oferecem lições valiosas para o desenvolvimento de práticas de turismo sustentável. Uma abordagem equilibrada que considere as especificidades locais e promova o engajamento comunitário é essencial para garantir a conservação a longo prazo desses majestosos felinos e seus habitats.

7 DISCUSSÃO

A observação de felinos de grande porte, como uma forma de turismo de natureza, gera renda de diversas maneiras, incluindo taxas de entrada, pagamento a guias e despesas com alojamento. Além disso, estimula outros setores econômicos locais, atraindo turistas para diferentes atividades no país, como visitas culturais, o que prolonga sua estadia e aumenta seus gastos. O turismo é vital para muitos países em desenvolvimento, sendo, em 2000, um dos três principais setores de exportação para a maioria dessas nações. Os ganhos, oriundos especialmente das áreas protegidas ricas em vida selvagem, beneficiam diretamente as economias locais, as empresas de turismo e os governos. Para sustentar este ecossistema, é fundamental financiar adequadamente a conservação da vida selvagem e

o turismo. Dessa forma, as comunidades locais são beneficiadas, encontrando oportunidades de emprego no setor. Garantir um fluxo constante de recursos para a conservação e o desenvolvimento comunitário é essencial para o sucesso contínuo dessa indústria, promovendo um ciclo virtuoso de benefícios econômicos e ecológicos (TAPPER, 2006).

Embora os benefícios econômicos do turismo de predadores sejam evidentes, eles levantam questões éticas significativas. É justificável explorar o fascínio dessas criaturas majestosas, especialmente quando seus habitats estão diminuindo e seus comportamentos podem ser alterados pela presença humana? Estudos com leões africanos, por exemplo, mostram que o tráfego excessivo de veículos pode prejudicar o sucesso da caça e interromper comportamentos noturnos. Isso nos coloca diante de um dilema ético: onde traçamos a linha entre a observação não intrusiva e a interferência prejudicial? Questões éticas também envolvem a potencial 'zooificação' de habitats selvagens, onde os animais são condicionados ou iscados para melhorar as experiências turísticas, comprometendo a autenticidade dos encontros selvagens (MOORHOUSE ET AL., 2015). Para lidar com esse dilema, é crucial que as aspirações econômicas estejam alinhadas com as obrigações éticas, garantindo que a busca por benefícios monetários não comprometa o bem-estar dessas magníficas criaturas e seus habitats.

Considerando que cada predador de topo oferece oportunidades e desafios turísticos únicos, padrões emergem nas relações entre humanos e animais, nas considerações de segurança e nos resultados de conservação. Reconhecer essas narrativas compartilhadas pode auxiliar na formulação de melhores práticas universalmente aplicáveis, ainda que respeitando as particularidades regionais. Embora cada área apresente sua narrativa única de turismo de vida selvagem, há padrões subjacentes de crescimento econômico, desafios de conservação, interações culturais, necessidades regulatórias e estratégias de gestão de conflitos. É essencial aprender com os sucessos e desafios de cada região para criar um modelo global holístico e sustentável de turismo de vida selvagem (DIAS, 2023).

A intersecção do turismo de felinos de grande porte com suas implicações econômicas, éticas e ecológicas é uma área multifacetada, carregada de desafios e oportunidades. Proteger espécies como a onça-pintada no Pantanal e o puma na Patagônia chilena vai além da preservação de indivíduos; envolve a sustentabilidade de ecossistemas inteiros. À medida que esses predadores de topo regulam as populações de presas e mantêm a saúde de seus habitats, sua proteção transforma-se em estabilidade ecológica mais ampla (RIPPLE ET AL., 2014). Contudo, o turismo apresenta tanto ameaças quanto apoios a esse equilíbrio. Por um lado, o turismo bem gerido pode financiar iniciativas de conservação, aumentar a conscientização e promover parcerias globais. Por outro, o turismo mal regulamentado pode exacerbar distúrbios do habitat, aumentar conflitos entre humanos e vida selvagem e facilitar a propagação de doenças (PLOWRIGHT ET AL., 2011).

Garantir um turismo de felinos sustentável e ético requer uma abordagem abrangente. Regulamentações mais rígidas sobre o número de turistas, horários e atividades permitidas em habitats sensíveis são essenciais, como visto em algumas reservas de tigres na Índia. Combinar isso com iniciativas de conservação baseadas na comunidade, como em habitats de leões africanos, garante que as comunidades locais sejam partes interessadas na conservação, alinhando seus interesses com os dos predadores de topo (WESTERN ET AL., 2009). Atualizar regularmente as diretrizes, fomentar colaborações de pesquisa e promover o ecoturismo em vez do mero turismo de vida selvagem pode alinhar ainda mais as motivações econômicas com os imperativos ecológicos e éticos.

A proliferação do turismo de observação de felinos em áreas protegidas apresenta desafios únicos e oportunidades incomparáveis para conservacionistas, comunidades locais e formuladores de políticas. Considerando os estudos de caso examinados, emergem temas pontuais e considerações como a viabilidade econômica versus a sustentabilidade ambiental. Em quase todas as regiões estudadas, há um claro nexo entre o turismo de vida selvagem e a elevação econômica local. Seja no Pantanal ou na Patagônia, as comunidades locais experimentam benefícios econômicos com o fluxo de turistas. No entanto, o próprio apelo dessas regiões – ambientes intocados e a emoção de observar a vida selvagem em seus habitats naturais – pode estar em risco se o turismo não for gerenciado de forma sustentável. O desafio consiste em encontrar um equilíbrio entre os benefícios econômicos a curto prazo e os imperativos ecológicos a longo prazo.

Um dos benefícios significativos do turismo de vida selvagem é a educação e conscientização que ele traz. Os turistas, ao serem expostos à majestade de criaturas como onças-pintadas e pumas e à fragilidade de seus ecossistemas, frequentemente tornam-se defensores da conservação. A criação de centros interpretativos, a contratação de guias experientes e a integração da sabedoria indígena podem amplificar esse efeito, servindo tanto a propósitos de conservação quanto de preservação cultural (BALLANTYNE ET AL., 2011).

A integração das comunidades locais nas estratégias de turismo de vida selvagem é crucial. Quando os moradores veem benefícios tangíveis da conservação da vida selvagem, é mais provável que se tornem seus protetores. Por outro lado, se percebem a vida selvagem como uma ameaça à sua subsistência ou segurança, conflitos podem surgir, minando os esforços de conservação. Estruturas de incentivo, oportunidades de emprego e modelos de turismo de base comunitária podem preencher essa lacuna (RODGER ET AL., 2007).

A análise comparativa ressaltou a importância de mecanismos regulatórios robustos. Regiões com diretrizes estabelecidas, como certos parques dos EUA, parecem se sair melhor na gestão das pressões do turismo. Há uma oportunidade para regiões mais novas ou menos regulamentadas aprenderem com esses modelos e adaptá-los aos contextos locais (NEWSOME ET AL., 2012).

O turismo de observação de vida selvagem não pode ser abordado isoladamente – ele se cruza com domínios como antropologia, economia, ecologia e até ciência política. Abordagens colaborativas, baseadas na cultura interdisciplinar, podem obter estratégias mais holísticas, considerando nuances culturais, modelos econômicos e imperativos ecológicos em conjunto (GEORGE & CROOKS, 2006). Investigações futuras podem explorar a eficácia de modelos de turismo baseados na comunidade, o papel da tecnologia em melhorar as experiências de observação da vida selvagem sem perturbar os habitats naturais e o potencial das redes colaborativas globais no compartilhamento de melhores práticas e recursos. O uso de tecnologias avançadas, como drones e câmeras remotas, pode melhorar a observação de felinos de grande porte sem causar estresse ou perturbação, aumentando a qualidade da experiência turística e a segurança dos animais (KARANTH & DEFRIES, 2011).

A colaboração entre organizações de conservação, comunidades locais, governos e o setor privado é fundamental para desenvolver e implementar práticas de turismo sustentável. Programas de conservação comunitária, como aqueles implementados no Pantanal, têm mostrado que é possível combinar a preservação da biodiversidade com o desenvolvimento econômico local (CAVALCANTI ET AL., 2010). Tais programas não apenas ajudam na conservação das onças-pintadas, mas também proporcionam uma fonte de renda alternativa para as comunidades locais, reduzindo os conflitos entre humanos e vida selvagem.

Na Patagônia chilena, a criação de zonas de proteção e o monitoramento contínuo dos pumas têm sido essenciais para a conservação da espécie. No entanto, o crescimento do turismo exige uma abordagem adaptativa de gestão, onde as práticas são continuamente ajustadas com base no feedback das partes interessadas e na observação direta dos impactos (FRANKLIN ET AL., 2009). A educação e a conscientização são componentes críticos dessa estratégia, pois turistas bem informados são mais propensos a respeitar as diretrizes de conservação e apoiar iniciativas de proteção.

Em resumo, o turismo de observação de onças-pintadas no Pantanal e pumas na Patagônia chilena apresenta uma oportunidade única para promover a conservação da biodiversidade e o desenvolvimento econômico sustentável. No entanto, para que essas oportunidades sejam plenamente realizadas, é necessário um compromisso contínuo com a gestão sustentável, a educação e a integração das comunidades locais. Ao abordar o turismo de felinos de grande porte com responsabilidade e inovação, é possível garantir que esses majestosos predadores continuem a prosperar em seus habitats naturais, beneficiando tanto a natureza quanto as comunidades locais.

8 RECOMENDAÇÕES

Aproveitar os benefícios econômicos e sociais do turismo de observação de onças-pintadas no Pantanal e pumas na Patagônia chilena, garantindo a segurança e o bem-estar da vida selvagem e dos

turistas, requer estratégias cuidadosas. Com base nos resultados da análise, várias recomendações são apresentadas para desenvolver e aperfeiçoar o turismo de felinos de grande porte.

Para minimizar a perturbação do habitat, é crucial regular o número de visitantes e estabelecer zonas calmas, especialmente durante as estações de acasalamento ou nascimento. A implementação de limites de capacidade pode reduzir o impacto negativo do turismo na vida selvagem e nos seus habitats naturais (KRÜGER, 2005). Além disso, garantir que todas as interações com onças-pintadas e pumas sejam supervisionadas por guias experientes é essencial para limitar o conflito direto entre humanos e animais e fornecer informações precisas aos turistas. Guias bem treinados podem ajudar a educar os visitantes sobre comportamentos apropriados e a importância da conservação (NEWSOME ET AL., 2012).

Oferecer sessões de orientação obrigatórias antes de qualquer encontro com a vida selvagem assegura que os turistas estejam cientes das diretrizes comportamentais e da importância dessas regras. Programas de educação turística podem aumentar a conscientização sobre as necessidades de conservação e promover um turismo mais responsável (BALLANTYNE ET AL., 2011). Além disso, colaborar com instituições acadêmicas para realizar pesquisas contínuas sobre o impacto do turismo nas onças-pintadas e pumas e seus habitats é essencial. Este monitoramento permite a coleta de dados essenciais para a tomada de decisões informadas e ajustes nas práticas de manejo (HIGHAM & LUSSEAU, 2007).

Envolver as comunidades locais nos processos de tomada de decisão garante que elas se beneficiem diretamente do turismo e se tornem guardiãs da conservação. A participação comunitária pode fortalecer o apoio local aos esforços de conservação e criar fontes de renda sustentáveis para os moradores (SPENCELEY & GOODWIN, 2007). Estabelecer protocolos claros para encontros inesperados ou situações perigosas é fundamental para garantir a segurança dos turistas e minimizar os danos aos animais. Protocolos de emergência bem definidos podem ajudar a lidar com situações críticas de maneira eficaz e segura (FENNELL & DOWLING, 2003). Dedicar uma fração da receita do turismo para projetos de restauração de habitat e unidades anti-caça furtiva é crucial para garantir a sustentabilidade a longo prazo. Investir na melhoria do habitat pode promover a recuperação ecológica e reduzir as ameaças à vida selvagem (BOLEY & GREEN, 2016). Introduzir sistemas de feedback para que os turistas compartilhem suas experiências e sugestões pode ser extremamente valioso. Ouvir o que os turistas dizem permite que os gestores melhorem continuamente as experiências dos visitantes e a gestão das áreas protegidas.

Para aumentar a sustentabilidade econômica, é recomendável diversificar as atividades turísticas oferecidas. Além da observação de felinos, os operadores turísticos podem incluir visitas culturais, trilhas ecológicas e outras atividades que promovam a conservação e a educação ambiental. Isso não só prolonga a estadia dos turistas, mas também distribui a pressão sobre os habitats de vida

selvagem (BUCKLEY, 2010). Formar parcerias com ONGs de conservação e o setor privado pode ajudar a garantir recursos adicionais para projetos de conservação e desenvolvimento comunitário. Estas parcerias podem trazer expertise, financiamento e inovação, fortalecendo os esforços de conservação (RODGER ET AL., 2007).

Incentivar políticas públicas que apoiem o turismo sustentável e a conservação da vida selvagem é essencial. Governos podem fornecer incentivos fiscais para empresas que adotem práticas sustentáveis, além de investir em infraestrutura que suporte o turismo ecológico (NEWSOME ET AL., 2012). Desenvolver infraestrutura turística que minimize o impacto ambiental, como trilhas ecológicas e lodges sustentáveis, pode ajudar a preservar os habitats naturais. Infraestrutura de baixo impacto deve ser projetada para integrar-se harmoniosamente ao ambiente, reduzindo a pegada ecológica (KRÜGER, 2005).

Promover o uso de transporte sustentável, como veículos elétricos ou movidos a energia solar, para excursões de observação de vida selvagem pode reduzir as emissões de carbono e o impacto ambiental. Incentivar o uso de bicicletas e caminhadas também pode ser uma alternativa viável e ecológica (BOLEY & GREEN, 2016). Implementar programas de sensibilização nas escolas locais pode criar uma geração futura mais consciente da importância da conservação. Visitas escolares a áreas protegidas, palestras e atividades práticas podem engajar os jovens na proteção da vida selvagem (BALLANTYNE ET AL., 2011). Utilizar campanhas de mídia para aumentar a conscientização sobre a importância da conservação das onças-pintadas e pumas pode mobilizar o apoio público. Documentários, redes sociais e eventos comunitários são ferramentas eficazes para educar e engajar a população em geral (BUCKLEY, 2010).

Ao implementar cuidadosamente essas recomendações, as regiões podem alcançar um equilíbrio harmonioso entre as aspirações turísticas e os objetivos de conservação, garantindo que a observação de onças-pintadas no Pantanal e pumas na Patagônia chilena continue a prosperar de maneira sustentável e benéfica para todos os envolvidos.

9 CONCLUSÃO

O turismo de observação de felinos de grande porte, especificamente a onça-pintada no Pantanal brasileiro e o puma na Patagônia chilena, emergiu como uma ferramenta poderosa para conservacionistas, comunidades locais e formuladores de políticas. Seu impacto vai além dos limites do turismo e da economia, estendendo-se para os domínios da conservação, preservação cultural, educação e colaboração global.

As ramificações econômicas do turismo de vida selvagem são evidentes e significativas. As regiões que adotam esta forma de turismo têm testemunhado uma revitalização econômica local, criando meios de subsistência e elevando os padrões de vida. No entanto, manter o equilíbrio entre os

benefícios econômicos e a sustentabilidade ecológica continua sendo uma tarefa delicada. A comercialização excessiva ou regulamentações inadequadas podem ameaçar os ecossistemas que esses empreendimentos visam preservar.

O poder do turismo de vida selvagem para transformar visitantes em defensores da natureza não pode ser subestimado. Os turistas, sensibilizados pela beleza da paisagem natural, frequentemente tornam-se defensores dessas regiões e de seus habitantes. Este potencial é duplo: um apelo para que as regiões invistam na educação dos visitantes e um convite para que esses visitantes levem as lições aprendidas para suas vidas cotidianas.

As comunidades locais constituem o núcleo deste discurso. Seu envolvimento, empoderamento e educação são essenciais. Como guardiões imediatos desses ecossistemas, suas percepções, conflitos e colaborações com a vida selvagem têm consequências diretas para os resultados de conservação. O turismo de felinos de grande porte pode ser uma fonte de renda sustentável que fortalece o apoio local aos esforços de conservação.

Do ponto de vista regulatório, a necessidade de estruturas robustas, adaptativas e específicas do contexto é clara. Sistemas que evoluíram ao longo de décadas em locais como os parques norte-americanos, africanos e indianos podem oferecer insights valiosos para áreas emergentes. A confluência de tradições, regulamentos e melhores práticas modernas pode forjar um caminho a seguir que seja benéfico tanto para a conservação quanto para o turismo.

Ao refletir sobre o vasto conjunto de experiências de observação da vida selvagem em todo o mundo, uma verdade singular emerge: a interconexão de toda a vida. A onça-pintada nas zonas úmidas do Brasil e o puma nas planícies da Patagônia são essenciais para a manutenção dos ecossistemas em que vivem, regulando as populações de presas e mantendo o equilíbrio ecológico.

O caminho a seguir é claro: colaboração, educação, práticas sustentáveis e um compromisso inabalável com a conservação. Há uma tendência global de seguir por esse caminho; a direção a se tomar é uma decisão coletiva. As contribuições deste artigo visam catalisar conversas, inspirar ações e, acima de tudo, promover um profundo respeito pela natureza selvagem e seu enorme significado para a continuidade da vida no planeta.

Em essência, a história do turismo de observação de felinos de grande porte não é apenas sobre observar animais; é sobre introspecção, entender o lugar dos humanos na natureza e fazer escolhas que contribuam para a conservação da biodiversidade. O caminho é desafiador, mas as recompensas, vistas e imprevistas, prometem um mundo onde seres humanos e natureza coexistam em harmonia.

Ao implementar cuidadosamente as recomendações delineadas, as regiões podem alcançar um equilíbrio harmonioso entre as aspirações turísticas e os objetivos de conservação. A observação de onças-pintadas no Pantanal e pumas na Patagônia chilena pode continuar a prosperar de maneira sustentável, beneficiando a vida selvagem e as comunidades locais. A jornada é complexa, mas com

colaboração e compromisso, é possível garantir que esses majestosos predadores e seus habitats sejam preservados para as futuras gerações, promovendo um legado duradouro de conservação e respeito pela natureza.

REFERÊNCIAS

BALLANTYNE, R.; PACKER, J.; FALK, J. Visitors' learning for environmental sustainability: Testing short-and long-term impacts of wildlife tourism experiences using structural equation modelling. **Tourism Management**, v. 32, n. 6, p. 1243-1252, 2011.

BALLANTYNE, R.; PACKER, J.; HUGHES, K. Tourists' support for conservation messages and sustainable management practices in wildlife tourism experiences. **Tourism Management**, v. 30, n. 5, p. 658-664, 2009.

BERG, Eva van den. Patagónia chilena, o melhor sítio do mundo para observar pumas em estado selvagem. **National Geographic**, 22 jun. 2023. Disponível em: https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/patagonia-chilena-o-melhor-sitio-do-mundo-para-observar-pumas-em-estado-selvagem_2587. Acesso em: 20 dez. 2023.

BILLER, R. In Patagonia, a puma's life is decided by political borders. **Mongabay**, 7 dec. 2022. Disponível em: https://news.mongabay.com/2022/12/in-patagonia-a-pumas-life-is-decided-by-political-borders/. Acesso em: 9 jan. 2024.

BOLEY, B. B.; GREEN, G. T. Ecotourism and natural resource conservation: The 'potential' for a sustainable symbiotic relationship. **Journal of Ecotourism**, v. 15, n. 1, p. 36-50, 2016.

BROWN, S. Ecotourism and education: Win-win solution for Pantanal jaguars and ranchers. **Mongabay**, 20 jan. 2023. Disponível em: https://news.mongabay.com/2023/01/ecotourism-and-education-win-win-solution-for-pantanal-jaguars-and-ranchers/. Acesso em: 10 dez. 2023.

BUCKLEY, R. **Conservation tourism**. Cambridge: CABI, 2010.

CATCHPOLE, K. The Puma Population in Patagonia Is Booming. Now What? **Sierra Club**, 15 aug. 2022. Disponível em: https://www.sierraclub.org/sierra/puma-population-patagonia-booming-now-what. Acesso em: 23 dec. 2023.

CAVALCANTI, S. C.; MARCHINI, S.; ZIMMERMANN, A. et al. Jaguars, Livestock, and People in Brazil: Realities and Perceptions Behind the Conflict**. USDA National Wildlife Research Center** - Staff Publications, n. 918, 2010. Disponível em: https://digitalcommons.unl.edu/icwdm_usdanwrc/918. Acesso em: 18 jan. 2024

CAVALCANTI, S. M.; GESE, E. M. Spatial ecology and social interactions of jaguars (Panthera onca) in the southern Pantanal, Brazil. **Journal of Mammalogy**, v. 90, n. 4, p. 935-945, 2009.

CIFUENTES-IBARRA, M.; ELBROCH, L. M.; OHRENS, O.; INFANTE, J.; BONACIC, C. Is tourism impacting pumas in the Torres del Paine UNESCO Biosphere Reserve in southern Chile? **Global Ecology and Conservation**, v. 48, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.gecco.2023.e02711. Acesso em: 18 jan.2024.

CONDE, D. A.; COLCHERO, F.; ZARZA, H. et al. Sex matters: Modeling male and female habitat differences for jaguar conservation. **Biological Conservation**, v. 143, n. 9, p. 1980-1988, 2010.

DE AZEVEDO, F. C.; CONFORTI, V. A. Decline of peccaries in a protected subtropical forest of Brazil: toward conservation issues. **Mammalia**, v. 72, n. 2, p. 82-88, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1515/MAMM.2008.027. Acesso em: 19 jan.2024.

DIAS, R. Observing the top of the food chain: The dynamics of tourism of apex predatores in protected áreas. **International Seven Journal of Multidisciplinary**, v. 2, n. 5, p. 961-996, sep./oct. 2023. Disponível em: DOI: 10.56238/isevmjv2n5-012. Acesso em: 21 dec. 2023.

DIAS, R. A biodiversidade como atrativo turístico: o caso do Turismo de Observação de Aves no município de Ubatuba (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 111-122, 2011.
DURÁN, I. Uno de los lugares con mayor turismo en el sur de Chile es el sitio con más pumas del mundo. **Duna Notícias**, 8 nov. 2023. Disponível em: https://www.duna.cl/noticias/2023/11/08/uno-de-los-lugares-con-mayor-turismo-en-el-sur-de-chile-es-el-lugar-con-mas-pumas-del-mundo/. Acesso em: 8 jan. 2024.

DYBSAND, H. N. H.; FREDMAN, P. The wildlife watching experience scape: the case of musk ox safaris at Dovrefjell-Sunndalsfjella National Park, Norway, Scandinavian. **Journal of Hospitality and Tourism**, v. 21, n. 2, p. 148-168, 2021. Disponível em: DOI: 10.1080/15022250.2020.1850347. Acesso em: 21 dec. 2023.

ELBROCH, L. M.; LENDRUM, P. E.; QUIGLEY, H.; CARAGIULO, A. Spatial overlap in a solitary carnivore: support for the land tenure, kinship or resource dispersion hypotheses? **Journal of Animal Ecology**, v. 85, n. 2, p. 487-496, 2016. Disponível em: DOI: 10.1111/1365-2656.12447. Acesso em: 23 feb.2024.

ESTIFANOS, T.; POLYAKOV, M.; PANDIT, R. et al. What are tourists willing to pay for securing the survival of a flagship species? The case of protection of the Ethiopian wolf. **Tourism Economics**, v. 27, n. 1, p. 45–69, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1177/1354816619880430. Acesso em: 13 fev. 2024.

EXPLORA. **Parque Nacional Patagônia**: o importante papel do puma no ecossistema. 2024. Disponível em: https://www.explora.com/pt-br/parque-nacional-patagonia-o-importante-papel-do-puma-no-ecossistema/. Acesso em: 21 jun. 2024.

FENNELL, D.; DOWLING, R. K. Ecotourism Policy & Planning: Stakeholders, Management and Governance. In: FENNELL, D. A.; DOWLING, R. K. (Eds.). **Ecotourism Policy and Planning**. Wallingford, Oxon; Cambridge, MA, USA: CABI Publishing, 2003. p. 331-344.

FERNÁNDEZ-LLAMAZARES, Á.; FRAIXEDAS, S.; BRIAS-GUINART, A.; TERRAUBE, J. Principles for including conservation messaging in wildlife-based tourism. **People and Nature**, v. 2, n. 3, p. 596-607, 2020.

FRANKLIN, W. L.; JOHNSON, W. E.; SARNO, R. J. Cougars in Patagonia: Comparative ecology of pumas and prey in Southern Chile. In: HORNOCOKER, M.; NEGRI, S. (Eds.). **Cougar: Ecology and Conservation**. University of Chicago Press, 2009. p. 63-75.

FRANKLIN, W. L.; JOHNSON, W. E.; SARNO, R. J.; IRIARTE, J. A. Ecology of the Patagonia puma Felis concolor patagonica in southern Chile. **Biological Conservation**, v. 90, n. 1, p. 33-40, 1999.

GEORGE, S. L.; CROOKS, K. R. Recreation and large mammal activity in an urban nature reserve. **Biological Conservation**, v. 133, n. 1, p. 107-117, 2006.

HIGHAM, J. E.; LUSSEAU, D. Urgent need for empirical research into whaling and whale-watching. **Conservation Biology**, v. 21, n. 2, p. 554-558, 2007.

IBARRA, M. C. Ocupación, Abundancia Relativa y Patrones de Actividad del Puma (Puma Concolor) en Pastizales Esteparios de la Patagonia. **Tesis Doctoral**, Pontificia Universidad Católica de Chile (Chile), 2021. Disponível em: https://doi.org/10.7764/tesisUC/AGR/62180. Acesso em: 13 fev. 2024.

JÁCOMO, A. T.; SILVEIRA, L.; DINIZ-FILHO, J. A. F. Niche separation between the maned wolf (Chrysocyon brachyurus), the crab-eating fox (Dusicyon thous) and the hoary fox (Dusicyon vetulus) in central Brazil. **Journal of Zoology**, v. 262, n. 1, p. 99-106, 2004.

KARANTH, K. K.; DEFRIES, R. Nature-based tourism in Indian protected areas: New challenges for park management. **Conservation Letters**, v. 4, n. 2, p. 137-149, 2011.

KORIR, J.; MUCHIRI, J.; KAMWEA, J. Wildlife-Based Tourism, Ecology and Sustainability of Protected Areas in Kenya. **Journal of Natural Sciences Research**, v. 3, n. 3, p. 40-48, 2013.

KRÜGER, O. The role of ecotourism in conservation: Panacea or Pandora's box? **Biodiversity and Conservation**, v. 14, n. 3, p. 579-600, 2005.

LAGOS, N.; OHRENS, O.; VERGARA, P. Un punto de inflexión para la conservación del puma chileno. **Fundación Cerro Guido Conservation**, 22 ago. 2023. Disponível em: https://www.fundacioncgc.com/post/un-punto-de-inflexi%C3%B3n-para-la-conservaci%C3%B3n-del-puma-chileno. Acesso em: 22 dec. 2023.

LEICHTLE, J.; OSORIO, C.; VALENZUELA, J. Revisión de las subespecies de Puma concolor (Linnaeus, 1771) (Carnivora, Felidae) presentes en Chile en base a información proveniente de áreas silvestres protegidas del país. **Biodiversidata**, v. 4, p. 61-66, 2016.

LOPES-FERNANDES, M.; ESPÍRITO-SANTO, C.; FRAZÃO-MOREIRA, A. Among predators: the place of humans, Iberian lynx and other wild carnivores. **Etnografica**, v. 26, n. 2, p. 395-426, 2022.

MACDONALD, C.; GALLAGHER, A. J.; BARNETT, A. et al. Conservation potential of apex predator tourism. **Biological Conservation**, v. 215, p. 132-141, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.biocon.2017.07.013. Acesso em: 18 feb.2024.

MCPHERSON, S. Spectacular pumas of Patagonia. **Discover Wildlife**, 18 mar. 2022. Disponível em: https://www.discoverwildlife.com/photo-galleries/spectacular-pumas-of-patagonia. Acesso em: 27 mar. 2024.

MEGHJI, S. Transforming attitudes towards pumas in Patagonia. **Geographical**, 26 jul. 2023. Disponível em: https://geographical.co.uk/wildlife/transforming-attitudes-towards-pumas-in-patagonia. Acesso em: 26 dec. 2023.

MOORHOUSE, T. P.; DAHLSJÖ, C. A.; BAKER, S. E.; D'CRUZE, N. C.; MACDONALD, D. W. The Customer Isn't Always Right—Conservation and Animal Welfare Implications of the Increasing Demand for Wildlife Tourism. **PLoS ONE**, v. 10, n. 10, p. 1-15, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.1371/journal.pone.0138939. Acesso em: 24 feb.2024.

MORATO, R. G.; CONNETTE, G.; STABACH, J. A.; DE PAULA, R. C.; FERRAZ, K. M. P. M. B.; KANTEK, D. L. Z. et al. Resource selection in an apex predator and variation in response to local landscape characteristics. **Biological Conservation**, v. 228, p. 233-240, 2018.

NEWSOME, D.; MOORE, S. A.; DOWLING, R. K. **Natural area tourism: Ecology, impacts, and management**. 2nd ed. Bristol: Channel View Publications, 2012. 480 p.

OHRENS, O.; TORTATO, F. R.; HOOGESTEIJN, R.; SARNO, R. J.; QUIGLEY, H.; GOIC, D.; ELBROCH, L. M. Predator tourism improves tolerance for pumas, but may increase future conflict among ranchers in Chile. **Biological Conservation**, v. 258, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.biocon.2021.109150. Acesso em: 26 feb.2024.

PLOWRIGHT, R. K.; FOLEY, P.; FIELD, H. E.; DOBSON, A. P.; FOLEY, J. E.; EBY, P.; DASZAK, P. Urban habituation, ecological connectivity and epidemic dampening: the emergence of Hendra virus from flying foxes (Pteropus spp.). **Proceedings of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 278, n. 1725, p. 3703-3712, 2011.

REWILDING CHILE. **Monitoreo de pumas en el parque nacional patagonia**. 2024. Disponível em: https://www.rewildingchile.org/proyectos/monitoreo-de-pumas-en-el-parque-nacional-patagonia/. Acesso em: 14 mai. 2024.

RIPPLE, W. J.; ESTES, J. A.; BESCHTA, R. L.; WILMERS, C. C.; RITCHIE, E. G.; HEBBLEWHITE, M. et al. Status and ecological effects of the world's largest carnivores. **Science**, v. 343, n. 6167, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.1126/science.1241484. Acesso em: 16 jan. 2024.

RODGER, K.; MOORE, S. A.; NEWSOME, D. Wildlife tours in Australia: Characteristics, the place of science and sustainable futures. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 15, n. 2, p. 160-179, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.2167/jost619.0. Acesso em: 23 mar.2024.

SPENCELEY, A.; GOODWIN, H. Nature-based tourism and poverty alleviation: Impacts of private sector and parastatal enterprises in and around Kruger National Park, South Africa. **Current Issues in Tourism**, v. 10, n. 2-3, p. 255-277, 2007.

TAPPER, R. **Wildlife Watching and tourism**: A study on the benefits and risks of a fast growing tourism activity and its impacts on species. UNEP/ CMS Secretariat, Bonn, Germany, 2006. 68 p.

TORTATO, F. R.; LAYME, V. M. G.; CRAWSHAW JR, P. G.; IZZO, T. J. The impact of herd composition and foraging area on livestock predation by big cats in the Pantanal of Brazil. **Animal Conservation**, v. 18, n. 6, p. 539-547, 2015.

TORTATO, F. R.; IZZO, T. J. Advances and barriers to the development of jaguar-tourism in the Brazilian Pantanal. **Perspectives in Ecology and Conservation**, v. 15, n. 1, p. 61-63, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.pecon.2017.02.003. Acesso em: 23 feb.2024.

TREMBLAY, P. Wildlife tourism consumption: Consumptive or non-consumptive? **International Journal of Tourism Research**, v. 3, n. 1, p. 81-86, 2001. Disponível em: https://doi.org/10.1002/1522-1970(200101/02)3:1<81::AID-JTR289>3.0.CO;2-X. Acesso em: 18 dec. 2023.

TROUT, P. A. **Deadly Powers: Animal Predators and the Mythic Imagination**. Amherst, NY: Prometheus Books, 2011.

WALKER, S.; NOVARO, A.; HORNOCKER, M.; NEGRI, S. The world's southernmost pumas in Patagonia and the southern Andes. In: HORNOCOKER, M.; NEGRI, S. (Eds.). **Cougar: Ecology and Conservation**. University of Chicago Press, 2010. p. 91-102.

WALLNER, A. The role of predators in Mythology. Swiss Federal Research Institute WSL, 2005. Disponível em: https://www.waldwissen.net/en/forest-ecology/forest-fauna/mammals/the-role-of-predators-in-mythology. Acesso em: 18 dec.2023.

WESTERN, D.; RUSSELL, S.; CUTHILL, I. The status of wildlife in protected areas compared to non-protected areas of Kenya. **PLoS ONE**, v. 4, n. 7, p. e6140, 2009.

WILLIAMS, S. T.; WILLIAMS, K. S.; LEWIS, B. P.; HILL, R. A. Population dynamics and threats to an apex predator outside protected areas: implications for carnivore management. **Real Society Open Science**, v. 4, n. 4, p. 161090, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1098/rsos.161090. Acesso em: 18 dec.2023.

WTTC. **The economic impact of global wildlife tourism: travel & tourism as an economic tool for the protection of wildlife**. august 2019. Disponível em: https://wttc.org/Portals/0/Documents/Reports/2019/Sustainable%20Growth-Economic%20Impact%20of%20Global%20Wildlife%20Tourism-Aug%202019.pdf. Acesso em: 19 feb. 2024.

ZIMMERMANN, A.; WALPOLE, M. J.; LEADER-WILLIAMS, N. Cattle ranchers' attitudes to conflicts with jaguar Panthera onca in the Pantanal of Brazil. **Oryx**, v. 39, n. 4, p. 406-412, 2005.